



# Garrafa pet vira matéria-prima da

Setor já consome 115 mil toneladas de fibra de poliéster reciclada por ano e o mercado de reúso do sintético

**Nivaldo Souza**  
nsouza@brasileconomico.com.br

Se depender do setor têxtil brasileiro, as flutuantes garrafas de pet nos rios e córregos brasileiros têm destino certo: voltarão às prateleiras como tecidos de fibras de poliéster, na forma de roupas ou revestimento de carros. A reciclagem do material já movimentava R\$ 1,08 bilhão no Brasil em 2008, quase metade dos R\$ 2,242 bilhões gerados na produção de novas embalagens, segundo a associação da indús-

tria do pet (Abipet).

O polietileno tereftalato (pet) reciclado se firma como uma das principais matérias-primas da fabricação de tecidos. Representou 65% do poliéster consumido pelo segmento têxtil no ano passado. O setor absorveu 115 mil toneladas da fibra sintética, cerca de 50% do volume coletado em todo país - negócio de R\$ 500 milhões. O volume já compete com a aplicação de poliéster virgem em tecidos: cerca de 174 mil toneladas no mesmo perí-

“

**O brasileiro adotaria a causa sustentável. Mas o preço ainda é elevado e ele prefere outros produtos**

**Marcela Carrijo Jacometi,**  
gerente de vestuário da Mizuno

do, conforme a representante dos produtores (Abrafas).

## **Inteligência verde**

O filão aberto pelo mercado de reúso tem mexido com o cotidiano de empresas como a Stenville Têxtil. A companhia de médio porte, com 107 funcionários, instalada em Jundiá, apostou no tecido sustentável para fornecer camisetas ao projeto “Crer para ver” da Natura, em 2006. “Eles precisavam de um fornecedor que desse um viés ambiental ao

projeto. Competimos com 35 concorrentes. Hoje a parceria instiga a inovar para melhorar nosso percentual de responsabilidade”, conta George Tomic, proprietário da companhia.

A Stenville produz atualmente 15 toneladas por mês de tecido com 50% de fibra de pet somente para a gigante de cosméticos. “Esse volume representa 20% do nosso faturamento, algo perto de R\$ 2,4 milhões nos últimos 12 meses. Nosso objetivo é fazer essa participação chegar a 100% no



George Tomic: fibra de poliéster retirada de garrafas de refrigerante já representa 20% do faturamento da Stenville, cerca de R\$ 2,4 milhões



Camiseta de pet: brasileiro quer, mas preço ainda é alto

## NÚMEROS DO PET

### R\$ 1 bi

Foi o movimento da reciclagem de embalagens de pet em 2008

### 53,5%

O volume coletado: 230 mil toneladas. 63,3% só garrafas de refrigerante

### R\$ 500 mi

É o total de negócios do setor têxtil com o poliéster reciclado

# Falta de plástico adia lançamentos

País reutiliza só metade das embalagens produzidas por falta de coleta

A ociosidade no ciclo de reciclagem de pet no Brasil chega a 30%, segundo a Abipet. A dificuldade em encontrar o material é barreira para a expansão de um mercado que movimenta R\$ 1 bilhão por ano. “Há capacidade instalada na indústria para produzir mais, mas falta matéria-prima. Há empresas com projetos na gaveta”, garante Auri Marçon, presidente Abipet.

Existem 300 recicladoras de pet em território nacional, recolhendo aproximadamente 230 mil toneladas por ano, sendo 63,3% garrafas de refrigerante. Elas vendem o produto para cerca de dez fabricantes de fibras, que revendem o material em diversos estágios industriais (garrafas prensadas, flocos pré-moídos, flocos super lavados e granulados). O uso final depende da especialidade de outras 100 empresas, entre elas: fabricantes de piscinas, cordas, mantas para concreto, tapetes para carros e tecidos.

## Coleta insuficiente

O país reutilizou apenas 53,5% das 462 mil toneladas de embalagens produzidas em 2008. A outra metade vai para o lixo por falta de coleta.

José Rubens Spada, presidente da Innafibras – uma das maiores produtoras de poliéster reciclado de pet, com 160 funcionários produzindo 2.400 mil toneladas por mês – afirma que será preciso pagar mais caro para não faltar material. “A cadeia de coleta é precária. Não temos problema de fornecimento, porque criamos uma rede própria de coleta. Mas pago mais caro para não faltar matéria-prima”, diz.

Mas as dificuldades não barram planos de quem aposta no reciclado para reforçar o marketing. “Produtos sustentáveis são muito benéficos para a imagem da marca”, diz Marcela Carrijo Jacometi, da Mizuno. ■ **N.S.**

## O CAMINHO DO PET NO BRASIL



### CONSUMO

O brasileiro consome em média 1,6 kg de embalagens de pet por ano. Volume bem menor que em vizinhos como o Uruguai (4 kg por habitante) ou mercados desenvolvidos, como os Estados Unidos (7,7 kg por pessoa)



### RECICLAGEM

A produção de embalagens pet cresceu 7% em 2008, chegando a 462 mil toneladas. Desse total, 53,5% foram reutilizadas



### PARTICIPAÇÃO

Das cerca de 290 mil toneladas de poliéster consumidas pelo setor têxtil no ano passado, 115 mil vieram de pets recicladas, algo perto de 65%



### ENERGIA

O resíduo de pet na fabricação de tecido gera economia de 97% no consumo de energia. Para colorir poliéster reciclado, 32 kilowatts/hora a cada quilo colorido

Fontes: Abipet, Abrafas e empresas



Há capacidade instalada na indústria para produzir mais fibra de pet, mas sentimos falta de insumo

**Auti Marçon,**  
presidente da Abipet

# indústria têxtil

movimenta R\$ 1 bilhão, metade só na produção de tecidos

longo prazo”, antecipa.

O montante já é metade de toda a produção da empresa, que também faz o beneficiamento (tingimento e coloração) de outras 300 toneladas de tecido tradicional. Segundo Tomic, a vantagem do poliéster de pet está na facilidade de manuseio e economia de água. “É mais difícil limpar fibras naturais de algodão do que as de pet, que têm rendimento de até 90% na absorção de corante.”

A empresa já conseguiu reduzir o uso de 16 para 7 litros de

água por quantidade de tecido proporcional a uma camiseta. O consumo pode cair ainda mais com o projeto E-Zero, que na fase piloto atingiu a marca de 2,16 litros. Segundo a Abipet, o processo também reduz em 97% o consumo de energia.

## Reforço de imagem

De olho na preferência que produtos sustentáveis começam a despertar nos consumidores brasileiros, as grandes também se movimentam para imprimir selo ambiental às suas marcas.

É o caso da fabricante de itens esportivos Mizuno, que relançou este ano a linha de camisetas Runcycle. Mas apesar do apelo, a resposta do público ainda deixa a desejar. O modelo com 30% de pet (duas garrafas plásticas) custa R\$ 79 – diferença de R\$ 10 sobre camisetas feitas de outros materiais.

“O brasileiro adota a causa da sustentabilidade, mas o preço ainda é elevado, levando o consumidor a buscar outros produtos”, diz Marcela Jacometi, gerente de vestuário e acessórios da empresa. ■